

ALEXANDRE EULÁLIO, OU, O COELHO BRANCO

Zuca Sardan

Alexandre era um bizantino em Veneza. Uma finesse mais rara, uma inteligência mais labiríntica que a do próprio Doge. E de uma tão disfarçada modéstia, que era esta invisível. Disfarçava assim uma profundidade abissal de cultura numa alegre superficialidade irresponsável, ouvindo com o maior interesse as mais óbvias revelações de algum interlocutor pontifical. Tinha um pouco do Borges disfarçado no Coelho Branco de Alice, e um pouco do Coelho Branco disfarçado em Jorge-Luis Borges. E tinha muito do Borges. E muito mais do Coelho Branco. E muito do Alexandre disfarçado no próprio Alexandre. Disfarçava uma sensibilidade extremada e a desinteressada devoção aos amigos numa distraída frivolidade. O Coelho Branco. Sempre o Coelho Branco. Mas não conseguia enganar os amigos. Ou, pelo menos, nem todos. Tanto que deixou uma legião de amigos. Mas todos muito selecionados, uma espécie de tropa Brancaléone de poetas, reitores, condessas italianas, intelectuais em segundo grau, alquimistas em quinta essência, livreiros, professores... Alexandre era — e é — uma figura caleidoscópica: o Alex-Professor, o Alex-Tradutor, o Alex-Memorialista, o Alex-Ensaísta, o Alex-Diamantino... como bem observou o Carlos Augusto Calil. Naturalmente, há ainda o Alex-Cineasta, o Alex-Monarquista... todos da maior eficácia e dedicação. E havia o Alex-Alex olhando todos esses Alexes, e achando um pouco graça deles todos, e não levando nenhum deles exageradamente a sério. Em vez de ser o Lewis Carroll escrevendo o Coelho Branco, o Alex era o Coelho Branco escrevendo o Lewis Carroll. E com um incrível senso de humor.

Uma vez, justamente, lá nos idos dos 60, creio que em 63, o Alex, na sua versão Coelho Branco, surgiu numa empoeirada sala de um pálido palácio da Rua Larga, onde eu, meio disfarçado de Chapeleiro Maluco, trabalhava na distribuição de ventiladores. E, dada a minha alienada distração, o lado politizado do Alex resolveu me engajar no Monarquismo. E me carregou prum decrépito palacete por perto da Praça da República, onde funcionava o Orfeão Histórico e Geográfico. Após uma sucessão de rangentes escuros corredores com vitrines de queijos-velhos (eram cortes geológicos em gesso pintado, explicou-me o Coelho Branco), chegamos a uma sala macérrima, com alguns senhores lívidos de fundas olheiras, casaca e fúlgidas decorações, e — *last but not least*, deixando o fino pro fim — umas magretas condessas velhinhas, deliciosamente pálidas, o decotado busto em delicada ossatura de âmbar, e perfil de camafeu.

O Almirante Pluma Peixe mal acabara de deixar-se evoluir em oração de corte condoreiro — estava no púlpito, composto de uma longa mesa com uma garrafa de água-caxambu onde tinham assento as mais ilustres figuras, a começar pelo próprio Herdeiro Presuntivo da Coroa (não o de Spectrópolys, mas o ooooooutro...), tendo ao

fundo, pregado por fio na parede de infindável altura, um mapa do Brasil meio inchado e bolorento (com a mesma consistência meio doentia dos cortes geológicos apodrecidos do corredor), de um tamanho simplesmente ciclópico. Entrando uns raios fúlgidos, amarelados, duma longínqua clarabóia, e ressoando ainda na atmosfera embalsamada e poeirenta de pó amaranço — as últimas palavras do Almirante Pluma Peixe... O repórter parahybano de rollyflex ao pescoço entrou em transe!... Pediu a palavra e lançou-se num passional discurso místico-esotérico-patriótico, com tonalidades misturadas de São Tomás de Aquino, Umbanda, Augusto Comte e Allan Kardek, em crescente exaltação, escandindo seus refrões com murros na mesa, até que rolou a garrafa caxambu e, finalmente, o colossal, ciclópico Brasil Geológico, não agüentando mais, despencou-se sobre o púlpito e seus augustos ocupantes com um estrondo apocalíptico.

Dali fomos tomar uma cerveja. O Coelho Branco estava abatido. E desabafou:

"Mas por que essas reuniões monarquistas têm sempre de acabar de maneira tão... insólita?"

Procurei reanimá-lo:

"Mas Alexandre, achei a reunião absolutamente formidável."

O Coelho Branco, mal disfarçando um sorriso, procurou assumir um ar irritado:

"Foi realmente formidável. Mas não tinha de ser assim."

Na semana seguinte, Alex partiu pra Veneza. Tempitos depois, chega-me da Itália, sem nome do expedidor, um livro, "Il Dottor Faustroll", de Alfred Jarry, e a dedicatória em elegante cursiva:

Al Capitano

Fantasma

l'Italia

riconoscente

offre, commossa.

Bem pude imaginar o Coelho Branco, rindo à socapa. Então. E agora.